

MARIA RITA DE LIMA TORRES

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE IMAGENS PARA O ENSINO
E APRENDIZAGEM EM ARTES VISUAIS**

Tarauacá
2011

Maria Rita de Lima Torres

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE IMAGENS PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM EM ARTES VISUAIS

Trabalho de conclusão do curso de Artes Visuais,
habilitação em Licenciatura, do Departamento de
Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade
de Brasília.

Orientadora: Prof^a MSc. Renata Azambuja de
Oliveira.

Tarauacá
2011

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso, a minha Mãe: Maria Gerviz de Lima Torres, pessoa maravilhosa, guerreira e determinada. Que sempre estar ao meu lado, nos momentos de alegria e de tristeza, apoiando-me e incentivando-me em minhas decisões. Mãe, sou muita grata por seu amor e por sua amizade.

Agradecimentos

Agradeço ao grande Arquiteto do Universo, pela minha vida e pelas graças recebidas. Por ter me dado, saúde, força, coragem e determinação para vencer os obstáculos que surgiram durante esta jornada intensa de estudos. Graças a Deus, venho superando as barreiras e hoje estou fazendo este Trabalho de Conclusão de Curso com muito esforço e dedicação, para a obtenção de minha tão sonhada graduação.

Ao meu esposo Juvenil Corrêa, pela compreensão e incentivo. A minha mãe e meus irmãos.

Aos meus colegas de curso, em especial minhas amigas Cecília, Valcilene, Rosiana e Andreza pela amizade durante esses quatros anos em que estivemos juntas, compartilhando dúvidas, angústias e alegrias.

A minha orientadora, Prof^a MSc. Renata Azambuja de Oliveira, pelas orientações que foram muito valiosas para a realização deste trabalho.

Por fim, agradeço a todos que de alguma maneira contribuíram para a construção deste Trabalho de Conclusão de Curso.

*"A linguagem visual nos domina no mundo
lá fora e não há nenhuma preocupação
dentro da escola em preparar o aluno para
ler essas imagens. O público quer conhecer;
falta educação para a arte".
(Ana Mae Barbosa)*

RESUMO

O presente trabalho estuda a importância da leitura de imagens para o ensino-aprendizagem em Artes Visuais. Apresenta-se ideias, conceitos, definições, que defendem o uso da imagem na sala de aula. Atualmente, essa linguagem predomina o mundo e, assim como diz Ana Mae Barbosa, já é senso comum falar em “civilização das Imagens”. No entanto, é dever da escola preparar os educandos para a leitura consciente da imagem, haja vista que a maior parte de nossa aprendizagem é construída por meio da visão. Como proposta de estudo, será abordado dois métodos de leitura de imagem, à luz dos teóricos: Robert Ott (1984) e Abigail Housen (1983), métodos de apreciação estética que podem ser aproveitados pelos professores para análise de imagens na sala de aula.

PALAVRAS CHAVE: Importância; Leitura de Imagem; Ensino; Aprendizagem; Artes Visuais.

ABSTRACT

This work studies the importance of image reading for teaching-learning in the Visual Arts. Presents ideas, concepts, definitions, who advocate the use of the image in the classroom. Currently, this language predominates the world and, as says Ana Mae Barbosa, common sense is already talking in "civilisation of images". However, it is the duty of the school to prepare students for reading image conscious, given that most of our learning is built through vision. As the proposed study will be approached two read methods of image, in the light of the theorists: Robert Ott (1984) and Abigail Housen (1983), methods for assessing aesthetic that can be leveraged by teachers for image analysis in the classroom.

KEYWORDS: Importance; image Reading; teaching; learning; Visual Arts.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. A EDUCAÇÃO DO OLHAR NO ENSINO DA ARTE.....	12
1.1 Leitura de imagem.....	17
1.2 A Leitura crítica do mundo.....	18
1.3 A leitura da obra de arte.....	20
1.4 Releitura e cópia.....	23
2. TEORIAS DE APRECIAÇÃO ESTÉTICA.....	25
2.1 Análise de imagem, a partir do método de Robert Ott (1984).....	26
2.2 Análise de imagem, a partir do método de Abigail Housen (1983).....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mulher ao Espelho, 1932 (Pablo Picasso).....	12
Figura 2 – Abaporu, 1928 (Tarsila do Amaral).....	20
Figura 3 – Onde eu estaria feliz, 1965 (Di Cavalcante).....	26
Figura 4 – Religião Brasileira, 1927 (Tarsila do Amaral).....	29

INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo dominado por imagens, a todo o instante somos surpreendidos por elas, em casa, no trabalho, nas ruas, imagens sedutoras que tentam a todo custo influenciar nosso comportamento. No entanto, a leitura de imagens é uma necessidade para a compreensão e decodificação desses signos tão difundidos na nossa vida cotidiana, segundo Ana Mae Barbosa:

Em nossa vida diária estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, idéias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo o tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens (BARBOSA, 1998, p. 17).

Saber ler imagens é uma exigência da sociedade contemporânea, tendo em vista a grande quantidade de informações que nos são transmitidas por meio dessa linguagem. Conhecer a “gramática visual” nos tornaria capacitados para ler e interpretar imagens com consciência. A arte-educadora Ana Mae Barbosa em seus estudos sobre o ensino de arte nas escolas, sempre defendeu o uso da gramática visual no contexto escolar, enfatizando a importância da educação formal para a alfabetização visual (BARBOSA, 1998).

Os professores, tradicionalmente, no Brasil, têm medo da imagem na sala de aula. Da televisão às artes plásticas, a sedução da imagem os assusta, porque não foram preparados para decodificá-la e usá-la em prol da aprendizagem reflexiva de seus alunos (BARBOSA, 1988, p. 138).

O universo das Artes Visuais é bastante abrangente e rico em conhecimentos, os professores precisam aprender a explorar esse universo, buscar meios e estratégias para disseminar esses conhecimentos entre os aprendizes, para que eles sejam capazes de adotar uma atitude crítica e reflexiva diante de uma imagem ou obra de arte.

O presente estudo tem como referencial teórico as publicações de arte-educadoras como: Ana Mae Barbosa, Analice Dutra Pillar, Luciana Mourão Arslan e Rosa Iavelberg, dentre outros. Apoiando-se nesses referenciais será apresentado algumas definições, conceitos e métodos de estudo sobre leitura de imagem.

No primeiro capítulo, evidencia-se a educação do olhar no ensino da arte e busca-se compreender como acontece o processo de alfabetização visual por meio da leitura de imagem na sala de aula.

No segundo capítulo, abordam-se duas teorias de apreciação estética, a partir do método de Robert Ott (1984) e Abigail Housen (1983). Apresenta-se estes métodos de análise de imagens como proposta de estudo, porém compete ao arte-educador selecionar as informações e adequar esses conhecimentos a realidade dos aprendizes.

Após discorrer sobre a importância de introduzir atividades de leituras de imagens no ensino de artes visuais, trazendo idéias e opiniões acerca do tema, serão feitas as considerações finais sobre as aprendizagens e experiências advindas desse processo de investigação e análise.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs-1996), “ver arte” é um dos eixos da aprendizagem significativa no ensino da Arte. É preciso incluir a leitura de obras de arte e boas propostas de apreciação estética em sala de aula. (*apud* ARSLAN; IAVELBERG, 1996, p. 15). As imagens são carregadas de significados, assim vemos o quanto é importante educar o olhar, aprender a “ver arte”, para que seja possível extrair a essência, dialogar com a imagem, entender a mensagem, o conteúdo, para não sermos dominados por elas. Desenvolver essa pesquisa será muito importante, para enriquecer os conhecimentos obtidos no decorrer do curso de Artes Visuais, sobre a importância de inserir a leitura de imagem nas práticas educativas em sala de aula. Como futuros arte-educadores, devemos levar esses conhecimentos aos aprendizes, que necessitam desenvolver a percepção e a sensibilidade estética.

Assim, a realização deste trabalho contribuirá para a reflexão de arte-educadores e futuros arte-educadores que se preocupam em oferecer aos educandos um ensino voltado para a realidade social e cultural em que estamos vivendo. Ensinar crianças, jovens e adultos a compreender a cultura e os símbolos da arte é a missão de todo arte-educador que deseja promover a cidadania e a integração social por meio do ensino da Arte.

1. A EDUCAÇÃO DO OLHAR NO ENSINO DA ARTE



Figura 1

Pablo Picasso. *Mulher ao Espelho*. Óleo sobre tela, 1932. Fonte: <http://www.artesdoisPontos.com/viu.php?tb=viu&id=10>

Segundo PILLAR (2006, p.11), a partir dos anos 80, no Brasil, o ensino de arte começa a ser repensado em novas bases conceituais e revisado quanto a sua relação com as pesquisas contemporâneas em arte. Os professores passaram a trabalhar não só a produção da criança e do adolescente, mas também a leitura da imagem e a contextualização histórica. Surgiram, também, as releituras, enquanto produções realizadas com base em obras de arte.

O ensino de artes no Brasil, tradicionalmente voltado para as atividades práticas, como o desenho geométrico, assume novas perspectivas com o avanço de novas pesquisas na área de arte. Além de trabalhar as produções dos alunos, via-se a necessidade de inserir na educação de crianças e jovens, a leitura de imagem, proposta inovadora e necessária para vincular o conhecimento à realidade (PILLAR, 2006).

Há múltiplas definições de imagem. A imagem é hoje, um componente central da comunicação. Com sua multiplicação e ampla difusão, com sua repetitividade infinita, estes dispositivos fazem com que, por intermédio da sua materialidade, uma imagem prolongue a sua existência no tempo (BARBOSA, 2008, p. 75).

De acordo com as afirmações da autora, uma imagem pode receber inúmeros significados, devido ao poder de comunicação de suas formas e cores, presentes no tempo e no espaço em diferentes contextos sócio culturais. Deste modo, infere-se uma nova leitura visual para a apropriação da mensagem propagada.

Conforme BARBOSA (2008:18-19): A necessidade de alfabetização visual vem confirmando a importância do papel da Arte na Escola. A leitura do discurso visual, que não se resume apenas à análise de forma, cor, linha, volume, equilíbrio, movimento, ritmo, mas principalmente é centrada na significação que esses atributos, em diferentes contextos, conferem à imagem é um imperativo da contemporaneidade. Os modos de recepção da obra de Arte e da imagem ao ampliarem o significado da própria obra a ela se incorporam.

Não se trata mais de perguntar o que o artista quis dizer em sua obra, mas o que a obra nos diz, aqui e agora em nosso contexto e o que disse em outros contextos históricos a outros leitores.

Assim sendo, a leitura do discurso visual não se restringe a materialidade, ao corpo da obra e da imagem. No entanto, para entender o discurso é necessário uma análise profunda do contexto imaterial da obra (BARBOSA, 2008).

A educação estética tem como lugar privilegiado o ensino de Arte, entendendo por educação estética as várias formas de leitura, de fruição que podem ser possibilitadas às crianças, tanto a partir do seu cotidiano como de obras de Arte. Compreender o contexto dos materiais utilizados, das propostas, das pesquisas dos artistas é poder conceber a Arte não só como um fazer, mas também como uma forma de pensar em e sobre Arte (BARBOSA, 2008, pp. 71-72).

Pensar em arte é formar um pensamento, uma opinião sobre determinado assunto. É ver uma obra artística ou qualquer tipo de imagem e se posicionar criticamente as idéias transmitidas pelo artista. O ensino de Arte pode nos proporcionar a fruição dessas produções artísticas por meio da leitura visual. Assim, “as pessoas aprendem com as imagens e também se emocionam com elas” (ARAÚJO, 2007, p.53). De acordo com Barbosa (2008:32), o que a arte na escola principalmente pretende é formar o conhecedor, o fruidor, decodificador da obra de arte.

Deste modo, é necessário começar a educar o olhar da criança desde a educação infantil, possibilitando atividades de leitura para que além do fascínio das cores, das formas, dos ritmos, ela possa compreender o modo como a gramática visual se estrutura e pensar criticamente sobre as imagens (BARBOSA, 2008, p.81).

Neste sentido, o professor como mediador da aprendizagem precisa incitar a criança, o adolescente a desenvolver a capacidade estética, explorando o universo infinito das imagens. Desta maneira, estará estimulando-os a adentrar no universo da visualidade e a fazer uso da “gramática visual”, possibilitando descobertas e experiências por meio da leitura de imagens.

No entanto, promover a apreciação da imagem é compartilhar as experiências culturais que os alunos já trazem de suas vivências cotidianas. Desta forma, aproveitar esses conhecimentos será de fundamental importância para a construção da linguagem visual.

No Livro *Cultura Visual: mudança educativa e projeto de trabalho*, Fernando Hernández (2000) questiona a forma como os professores têm utilizado as teorias de apreciação estética, nunca propondo (pelo menos desde o início) um questionamento da imagem ou obra apresentada: sempre partem do princípio de que a obra é indiscutivelmente importante e por isso deve ser observada. Hernandez critica a ausência de perguntas que questionam os saberes constituídos.

Nessa linha de pensamento, os professores poderiam perguntar:

- Por que estamos vendo esta imagem/obra?
- Quem legitimou essa produção como obra de arte?
- Porque a obra está no museu ou no livro, e não outra?

Hernandez acredita que o professor não deve tratar ou considerar as obras como objetos sempre legítimos e que nunca podem ter sua validade questionada. Pensar uma área de conhecimento pressupõe questioná-la. Desde cedo, deve-se incentivar uma postura crítica em relação aos sistemas da cultura, para que as crianças se habituem a essa prática e se sintam capazes de fazer suas próprias escolhas culturais (ARSLAN; IAVELBERG, 2006, pp. 22-23).

Nesta análise de pensamento, vemos o quanto é importante o professor deixar os alunos livres para estudar as imagens e criar um ambiente propício para a construção de saberes, levando-os a pensar criticamente, investigar o contexto cultural da imagem, o artista, os materiais, a técnica utilizada, para que a partir de suas próprias percepções, descubram a importância da obra dentro do contexto cultural em que se fazem presentes. Já que, os saberes se constroem dentro de um âmbito de interação e trocas mútuas, diante disso não é certo estabelecer um conhecimento como único e verdadeiro, principalmente ao se observar e analisar uma imagem. Pois, cada pessoa a ver de modo particular e atribui significados diferentes.

Ana Mae Barbosa (1998:18) menciona, a importância da apreciação da arte para o desenvolvimento da criatividade:

Apreciar, educar os sentidos e avaliar a qualidade das imagens produzidas pelos artistas é uma ampliação necessária à livre-expressão, de maneira a possibilitar o desenvolvimento contínuo daqueles que, depois de deixar a escola, não se tornarão produtores de arte. Através da apreciação e da decodificação de trabalhos artísticos, desenvolvemos fluência, flexibilidade, elaboração e originalidade – os processos básicos da criatividade. Além disso, a educação da apreciação é fundamental para o desenvolvimento cultural de um país. Este desenvolvimento só acontece quando uma produção artística de alta qualidade é associada a um alto grau de entendimento desta produção pelo público.

Entretanto, é importante que a escola prepare os educandos para apreciar e conceber a arte, para que eles sintam-se capazes de dialogar com as obras dos artistas e produzir sua própria arte. Deste modo, ampliando as percepções dos aprendizes por meio da leitura e análise das imagens, sejam estas imagens obras de arte ou imagens ilustrativas do cotidiano, estaremos estimulando à livre-expressão e a criatividade.

A produção de arte faz a criança pensar inteligentemente acerca da criação de imagens visuais, mas somente a produção não é suficiente para a leitura e o julgamento de qualidade das imagens produzidas por artistas ou do mundo cotidiano que nos cerca.

Este mundo cotidiano está cada vez mais sendo dominado pela imagem. Há uma pesquisa na França mostrando que 82% da nossa aprendizagem informal se faz através da imagem e 55% desta aprendizagem é feita inconscientemente.

Temos que alfabetizar para a leitura da imagem. Através da leitura de imagem de artes plásticas estaremos preparando a criança para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa e, através da leitura do cinema e da televisão, a prepararemos para aprender a gramática da imagem em movimento.

Esta decodificação precisa ser associada ao julgamento da qualidade do que está sendo visto aqui e agora e em relação ao passado.

Preparando-se para o entendimento das artes visuais se prepara a criança para o entendimento da imagem quer seja arte ou não (BARBOSA, 2008, pp. 34-35).

A educação do olhar, em tempos de difusão e incorporação da imagem na vida cotidiana, torna-se indubitavelmente necessária para o ensino-aprendizagem de crianças e jovens em fase de desenvolvimento cognitivo. O ensino de artes visuais quando bem empregado pelos professores pode promover a aquisição desses conhecimentos que tanto precisamos para a compreensão da nossa cultura e da cultura do outro.

“A arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identidade cultural e o desenvolvimento de nossas capacidades críticas e perceptivas” (BARBOSA, 2008, p. 16).

Esclarece Ana Mae Barbosa (2008:16), “dentre as artes, a arte visual, tendo a imagem como matéria-prima, torna-se possível a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos.” O estudo das artes visuais contempla a imagem como fonte de informação e conhecimento. Mas, para a apropriação desses conhecimentos é preciso que haja interação entre o expectador e a imagem. Nesse caso, é preciso induzir o espectador a leitura, a debruçar-se sobre imagens e obras de arte, para que seja possível apreender o sentido dessas imagens.

A imagem, quer seja ela figurativa ou abstrata, é um âmbito de realidade, não apenas um objeto. Imersos num humanismo baseado na dominação de objetos, tem sido difícil para os educadores entenderem a importância da imagem, da reflexão sobre ela, da percepção de seu sentido, da sua produção estética através da arte e da sua dedução através dos meios de comunicação. Reflexão sobre a imagem é algo que tem lugar em muito poucas escolas e isso resulta em consequências nefastas não só para a compreensão da obra de arte, mas também para uma apreciação crítica da televisão (BARBOSA, 1998, p. 44).

A prática de leitura de imagens na escola nos tornaria capacitados para ver e entender o mundo a nossa volta. Os professores são responsáveis pela mediação dessas aprendizagens e é essencial que saibam apresentar bons exercícios de apreciação estética para os alunos, para que o contato com a imagem na sala de aula seja produtivo, satisfatório e construtivo. “O ensino da Arte, dentro de uma visão contemporânea busca possibilitar atividades interessantes e compreensíveis à criança, por estarem adequadas ao seu processo de leitura” (BARBOSA, 2008, p. 81).

Portanto, é inegável a importância da alfabetização visual para o ensino e aprendizagem em Artes Visuais, por isso nós como futuros educadores não poderemos negar esse conhecimento para os nossos alunos. Precisamos trabalhar a leitura de imagens na sala de aula, para que possamos oferecer uma educação completa e integrada com as demais áreas do conhecimento. Educar o olhar, humanizar os nossos alunos para entender as produções humanas é capacitá-los para a vida em sociedade.

1.1 LEITURA DE IMAGEM

Analice Dutra Pillar (2006:11) comenta, “em geral, todas as definições de ler implicam a existência de um leitor, de um código (objeto/linguagem) e de um autor.” Assim, podemos entender que a leitura só acontece quando há a decodificação e compreensão dos códigos culturais expressos na imagem, pelo leitor.

Maria Helena Martins (1994:30) considera que a leitura é um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Onde ler, contemporaneamente, é atribuir significado seja a uma imagem, seja a um texto (*apud* PILLAR, 2006, p. 12). Quando lemos um texto procuramos entender o sentido das palavras, das frases; interligando as ideias é possível entender a mensagem e atribuir significado ao que nos foi exposto. Para exemplificar o que a autora nos diz, podemos dizer que a expressão formal é o texto, expresso através da linguagem escrita e a expressão simbólica a imagem. Ambas linguagens precisam ser compreendidas para que o processo de leitura aconteça.

Para Barbosa (2008:73), é só quando se passa do limiar do olhar para o universo do ver que se realiza um ato de leitura e reflexão. Sílvio Zamboni (1998:54) ressalta que “o ver não diz respeito somente à questão física de um objeto ser focalizado pelo olho, o ver em sentido mais amplo requer um grau de profundidade muito maior, porque o indivíduo tem, antes de tudo, de perceber o objeto em suas relações com o sistema simbólico que lhe dá significado” (*apud* BARBOSA, 2008, p. 73).

Entretanto, o olhar é o ponto de partida para se realizar um ato de leitura, mas, olhar não significa que estamos vendo. Pois, ver é entender e atribuir significado ao objeto. Em nossa vida cotidiana, estamos expostos a uma infinidade de imagens, é comum olharmos para essas imagens sem ver, por isso é importante observá-las e analisá-las de uma forma mais profunda, para absorver os valores simbólicos expressos por meio dessa linguagem. Conforme nos esclarece Ana Mae, “o significado está relacionado ao sentido que se dá à situação, ou seja, às relações que estabelecemos entre as nossas experiências e o que estamos vendo” (BARBOSA, 2008, p 73).

Desta forma, para entender como acontece o processo de leitura é necessário conhecer o sujeito, suas particularidades, considerando as aprendizagens e experiências que cada pessoa já traz de seu ambiente social e cultural.

Assim explica Analice Dutra Pillar (2006:13):

O observável tem sempre a marca do conhecimento, da imaginação de quem observa, ou seja, depende das coordenações do sujeito, das estruturas mentais que ele possui no momento, as quais podem modificar os dados. Assim, duas pessoas podem ler uma mesma realidade e chegar a conclusões bem diferentes. Isto porque, o que o sujeito apreende em relação ao objeto depende dos instrumentos de registro, das estruturas mentais, das estruturas orgânicas específicas para o ato de conhecer, disponíveis naquele momento.

Portanto, fica claro que o modo de ver ou ler uma imagem está relacionado ao grau de compreensão do observador, logo, o processo de leitura dependerá de suas capacidades perceptivas. “Nesse sentido, o professor não ensina como ler, pois não há uma leitura como a mais correta, há atribuições de sentidos construídas pelo leitor em função das informações e dos seus interesses no momento” (BARBOSA, 2008, p 81).

Ao ler estamos entrelaçando informações do objeto, suas características formais, cromáticas, topológicas; e informações do leitor, seu conhecimento acerca do objeto, suas inferências, sua imaginação. Assim, a leitura depende do que está em frente e atrás dos nossos olhos (PILLAR, 2006, p. 12).

O estudo acerca do processo de leitura da imagem, não pretende apresentar ou definir um método de leitura a ser seguido, mas, entender como o indivíduo constrói conhecimentos e aprendizagens por meio da leitura visual.

1.2 A LEITURA CRÍTICA DO MUNDO

A alfabetização visual, através da leitura de imagem tem por objetivo estimular o educando a aprender a ler, interpretar o mundo a sua volta, a posicionar-se criticamente sobre a sua realidade.

Paulo Freire (1995:8) considera que aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade (*apud* PILLAR, 2006, p. 14).

Trazendo as ideias de Paulo Freire para o campo da arte, podemos entender que para ler uma imagem é necessário estudar o contexto em que a obra se insere, e a partir dessa leitura construir nossos próprios conhecimentos.

Nesse sentido, o primeiro mundo que buscamos compreender é o da família, a casa, onde moramos, o quintal onde brincamos, a pracinha, o bairro onde vivemos, a cidade, o estado, o país. Tudo isso marcado fortemente por nosso lugar social, nossa origem social. E, ao buscar compreender, estamos fazendo leituras desse mundo. Leitura crítica, prazerosa, envolvente, significativa, desafiadora. Leitura, que inserida num contexto social e econômico, é de natureza educativa e política, pois nossa maneira de ver o mundo é modelada por questões de poder, por questões ideológicas (PILLAR, 2006, 14).

De tal modo, quando buscamos compreender uma imagem ou um texto por meio da leitura, estamos buscando significar o mundo a nossa volta, entender o modo como vivemos, agimos e pensamos.

Compreender uma imagem implica ver construtivamente a articulação de seus elementos, suas tonalidades, suas linhas e volumes. Enfim, apreciá-la, na sua pluralidade de sentidos, sejam imagens da Arte erudita, popular, internacional ou local; sejam produções dos alunos; o meio ambiente natural ou construído; imagens da televisão; informações visuais diversas presentes no cotidiano (BARBOSA, 2008, p. 81).

Educar para a visualidade é preparar os educandos para processar leituras, ou seja, ler, interpretar, dar sentido a uma imagem ou obra de arte, agregando as informações extraídas dessa imagem à sua realidade. “Na verdade, não conseguimos apreender o mundo tal qual ele é, construímos mediações, filtros, sistemas simbólicos para conhecer o nosso entorno e nos conhecer (BARBOSA, 2008, p. 73).”

1.3 A LEITURA DA OBRA DE ARTE



*Toda obra de Arte é de alguma maneira feita duas vezes.
Pelo criador e pelo espectador, ou melhor,
Pela sociedade à qual pertence o espectador.
Pierre Bourdieu, 1986*

Figura 2
Tarsila do Amaral. **Abaporu**. Óleo sobre tela, 1928.
Fonte: < http://www.tarsiladoamaral.com.br/versao_antiga/historia.htm >

Para iniciar o estudo a cerca da leitura da obra de arte, refletiremos sobre o pensamento de Bourdieu e também apreciaremos a obra o *Abaporu*, de Tarsila do Amaral. Bourdieu ressalta a importância da compreensão da obra de arte, tanto pelo criador, quanto pelo espectador. Desta forma, o artista para ser compreendido, precisa dar sentido a sua criação, para que o seu trabalho seja reconhecido e admirado pelo público.

O pensamento de Bourdieu nos dá a dimensão da Arte e sua compreensão, ou seja, do artista que faz e exercita o entendimento de suas imagens, assim como nós que as olhamos, a vemos e tentamos compreender o artista e todo um contexto antropológico, social, político e cultural, visivo nas suas imagens. Segundo Marcel Duchamp, a obra só se completa na presença do espectador e, para Hélio Oiticica, ela só se completa ao ser compreendida por outros, inclusive pelo artista ao enfrentar as ânsias advindas de seu próprio trabalho ao encontrá-lo novamente (fora do espaço de produção). (BARBOSA, 2008, p. 35).

O *Abaporu* é uma das telas mais conhecidas de Tarsila do Amaral, para entendermos o significado dessa obra, é necessário um estudo sobre a vida da artista, conhecer o contexto em que a obra foi criada, os fatos históricos, culturais e sociais que estão por de trás da imagem, para que possamos entendê-la e interpretá-la. Ao olharmos superficialmente a obra o *Abaporu*, esteticamente, vemos

uma figura com características humanas, mas com algumas deformações, pé grande, cabeça pequena, corpo e braço pequeno. Uma figura estranha e assustadora, que expressa a imaginação e a criatividade da artista.

Tarsila pintou o quadro para dar de presente para o escritor Oswald de Andrade, seu marido na época. Quando viu a tela, assustou-se e chamou seu amigo, o também escritor Raul Bopp. Ficaram olhando aquela figura estranha e acharam que ela representava algo de excepcional. Tarsila lembrou-se então de seu dicionário tupi-guarani e batizaram o quadro como Abaporu (o homem que come). Foi aí que Oswald escreveu o Manifesto Antropófago e criaram o Movimento Antropofágico, com a intenção de "deglutir" a cultura européia e transformá-la em algo bem brasileiro. Este Movimento, apesar de radical, foi muito importante para a arte brasileira e significou uma síntese do Movimento Modernista brasileiro, que queria modernizar a nossa cultura, mas de um modo bem brasileiro. (disponível em: AMARAL, <http://www.tarsiladoamaral.com.br/versao_antiga/index_frame.htm>. acessado em: 10 novembro 2011).

A leitura da obra de arte pode se tornar uma atividade muito prazerosa e dinâmica nas aulas de Artes Visuais, para isso, o professor precisa habituar o aluno a ler, deixando-os a vontade para observar, analisar, questionar; para que juntos possam construir aprendizagens e descobertas. No entanto, ler obras de Arte é:

Ação que, para ser realizada, inclui necessariamente as áreas de Crítica e de Estética. A leitura de obra de Arte envolve o questionamento, a busca, a descoberta e o despertar da capacidade crítica dos alunos. As interpretações oriundas desse processo de leitura, relacionando sujeito/obra/contexto, não são passíveis da redução certo/errado. Podem ser julgadas por critérios tais como: pertinência, coerência, possibilidade, esclarecimento, abrangência, inclusividade, entre outros. Segundo Ana Mae, é importante ressaltar que o objeto de interpretação é a obra e não o artista, não justificando processos adivinhatórios na tentativa de descobrir as "Intenções do artista" (BARBOSA, 2008, p. 67).

O professor ao exercitar o olhar do aluno para entender e conhecer as produções artísticas estará promovendo a prática da leitura, contribuindo significativamente para a sensibilização do julgamento da obra de arte. De acordo com os PCNs: "diante de uma obra de arte o espectador pode realizar interpretações que tem tanto a dimensão subjetiva como a objetiva. Isso ocorre durante um processo em que se relacionam as imagens da obra do artista e a experiência do apreciador" (BRASIL, 1998, p. 33). Assim, é importante estabelecer estratégias de leituras que sejam importantes para os alunos, levando em consideração as experiências que os aprendizes já trazem de seu ambiente cultural, como também, a

imaginação e a criatividade de cada um. Haja vista que, todos nós temos modos particulares de ver e perceber o mundo.

Conforme Analice Dutra, ler uma obra seria, então, perceber, compreender, interpretar a trama de cores, texturas, volumes, formas, linhas que constituem uma imagem. Perceber objetivamente os elementos presentes na imagem, sua temática, sua estrutura. No entanto, tal imagem foi produzida por um sujeito num determinado contexto, numa determinada época, segundo sua visão de mundo. E esta leitura, esta percepção, esta compreensão, esta atribuição de significados vai ser feita por um sujeito que tem uma história de vida, em que objetividade e subjetividade organizam sua forma de apreensão e de apropriação do mundo (PILLAR, 2006, p. 15).

A escola como propulsora do conhecimento, deve estimular as crianças e jovens, a apreciar obras de arte, avaliar as produções dos artistas brasileiros, locais e internacionais. Pois, não devemos limitar o conhecimento dos aprendizes, somente a uma forma de produção, a um determinado artista, técnica ou material. Por isso é importante fazer diferentes abordagens, diferentes leituras, comparando, analisando, obras de diferentes autores, em diferentes épocas e contextos sócio-culturais. Para ancorar nossas ideias, Analice Dutra (2006:16) cita, “há uma diversidade de modos de produção de sentido, de modos de se entrar na obra como as abordagens biográfica, estética, formal, iconológica e semiótica. Cada uma dessas leituras busca, por caminhos diferentes, edificar significados.”

Segundo os PCNs, diante de uma obra de arte, intuição, raciocínio e imaginação atuam tanto no artista como no espectador. A experiência da percepção rege o processo de conhecimento da arte, ou seja, a compreensão estética e artística.

O processo de conhecimento advém, então, de significações que partem da percepção, das qualidades de linhas, texturas, cores, sons, movimentos, temas, assuntos, apresentados e/ou construídos na relação entre obra e receptor (BRASIL, 1998, p. 33).

Entretanto, ler uma obra de arte é atribuir sentidos, valor, por meio da visão. Contudo, essa leitura ultrapassa as características formais da imagem e adentra na natureza subjetiva do artista.

Essas leituras mostram a diversidade de significados, o quanto o contexto, as informações, as vivências de cada leitor estão presentes ao procurar dar um sentido para a imagem. É importante lembrar, no entanto, que a marca maior das obras de Artes Plásticas é querer dizer o “indizível”, ou seja, não é um discurso verbal, é um diálogo entre formas, cores, espaços. Desse modo, quando fazemos uma leitura, estamos explicitando verbalmente relações de outra natureza, da natureza do sensível (BARBOSA, 2008, p. 79).

Em suma, fundamentando-se nas idéias de Pillar, Barbosa e nos PCNs - Arte do ensino fundamental II, fica evidente que a leitura da obra de arte no contexto escolar, merece um lugar privilegiado nas práticas educativas em Arte Visuais, tendo em vista, a necessidade que temos de compreender a cultura e de nos conhecer. “Assim, a leitura de uma obra de arte é uma aventura em que cognição e sensibilização se interpretam na busca de significados” (PILLAR, 2006, p. 17).

No entanto, conforme nos esclarece os PCN, a arte na escola tem uma função importante a cumprir. Ela situa o fazer artístico dos alunos como fato humanizador, cultural e histórico, no qual as características da arte podem ser percebidas nos pontos de interação entre o fazer artístico dos alunos e o fazer dos artistas de todos os tempos, que sempre inauguram formas de tornar presente o inexistente, Não se trata de copiar a realidade ou a obra de arte, mas sim de gerar e construir sentidos.

Cada obra de arte é, ao mesmo tempo, produto cultural de uma determinada época e criação singular da imaginação humana, cujo sentido é construído pelos indivíduos a partir de sua experiência (BRASIL, 1998, p. 35).

1.4 RELEITURA E CÓPIA

Ao enfatizar-se a leitura da obra de arte, trazendo definições, ideias, conceitos, agora busca-se compreender o processo de releitura da obra de arte, que muitas vezes é entendido pelos professores como cópia. Afinal o que é releitura? Explica PILLAR, (2006: 18):

No ensino da arte, a leitura tem sido concebida como algo mais teórico e a releitura, um fazer a partir de uma obra. Reler é ler novamente, é reinterpretar, é criar novos significados. Quando interpretamos, através da pintura, um objeto do meio ambiente natural ou construído, um objeto do nosso cotidiano, feito pelo homem estamos fazendo releitura? E quando interpretamos, em pintura, uma imagem produzida por um artista é releitura? Depende dos nossos propósitos. Se a idéia é recriar o objeto, é reconstruí-lo num outro contexto com novo sentido penso que sim.

Ancorando-se nas idéias de Analice Pillar, releitura é dar um novo sentido a uma obra de arte, a uma imagem já existente, através de uma produção plástica, onde o aluno pode utilizar diferentes técnicas e materiais para compor a sua criação. Contudo, o sentido da releitura não é reproduzir por meio da cópia o que está visível na obra, mas criar, por meio da observação e interpretação, um novo trabalho, com

outra linguagem. “Na releitura, um artista parte da obra de outro artista para criar o seu trabalho.” (PILLAR, 2006, p. 20).

Ana Mae nos atenta a não cometermos o erro de restringir o fazer artístico à releitura, a autora diz que:

Ando tão alarmada com a péssima qualidade de pensamento visual resultante de releituras, que me peguei outro dia desrecomendando completamente a releitura em uma palestra. Uma releitura divergente e/ ou subjetivada amplia o universo da alteridade visual e exercita o processo de edição de imagens com o qual nossa cognição naturalmente trabalha. Mas a releitura como procedimento constante transforma o fazer artístico em mero exercício escolar. Artistas se utilizam de procedimentos muito variados em suas pesquisas visuais. A mesma diversidade de estímulos se deve exigir do professor de arte. Para falar a verdade, a insistência na releitura me provoca o medo da cópia pela cópia (BARBOSA, 1998, p. 40).

Em conformidade com o comentário da autora, a releitura pode ser trabalhada no contexto escolar, no entanto temos que ter cuidado para não transformar essa proposta de atividade em fazer artístico, haja vista, que o fazer artístico não limita-se a releitura de obras de arte. O professor de arte precisa utilizar diferentes metodologias, técnicas e recursos para ampliar a experiência estética de seus alunos.

Há uma grande distância entre releitura e cópia. A cópia diz respeito ao aprimoramento técnico, sem transformação, sem interpretação, sem criação. Já na releitura há transformação, interpretação, criação com base num referencial, num texto visual que pode estar explícito ou implícito na obra final. Aqui o que se busca é a criação e não a reprodução de uma imagem (PILLAR, 2006, p. 18).

Portanto, a releitura deve ser utilizada como um subsídio a mais nas aulas de artes visuais, assim, é importante salientar, que a imaginação, a criatividade e as experiências visuais que os alunos possuem, é que irão dar sentido a criação, para que releitura não seja entendida como cópia. Assim, segundo PILLAR (2006, p. 20):

Poderíamos dizer que, ao lermos uma obra de arte, estamos nos valendo de nossos conhecimentos, artísticos ou não, para dar significados à obra. A leitura só se processa no diálogo do leitor com a obra, o qual se dá num tempo e num espaço preciso. Nesse sentido, não há uma leitura, mas leituras, onde cada um precisa encontrar modos múltiplos de melhor saborear a imagem. Já na releitura entendida como um diálogo entre textos visuais, intertextos, podemos nos valer ou não de dados objetivos que a obra referente contém para criarmos. Considero, portanto, que leitura e releitura são criações, produções de sentido onde buscamos explicar relações de um texto com o nosso contexto.

2. TEORIAS DE APRECIÇÃO ESTÉTICA

Ao estudarmos os processos de leitura de imagem e refletirmos sobre sua importância para a educação, apresentaremos as teorias de Robert Ott e Abigail Housen. Partindo das ideias dos teóricos, buscaremos compreender como os alunos constroem conhecimentos e aprendizagem por meio da leitura de imagem, principalmente a partir da análise e observação da obra de arte, que é de natureza mais complexa, devido à grande quantidade de informações que podemos extrair dessa forma de expressão artística.

É muito importante para o professor de artes adquirir esses conhecimentos, e usá-los em prol da aprendizagem de seus alunos. As teorias que iremos apresentar podem esclarecer muitas dúvidas que temos ao trabalhar com a leitura de imagem na sala de aula, podemos através desses estudos orientar nossas práticas quanto ao critério de escolha das imagens para apreciação estética, pois essas imagens devem corresponder as expectativas dos alunos. Assim, os exercícios de apreciação estética se tornaram atividades interessantes, prazerosas e produtivas.

Para Edmund Feldman (1970), Abigail Housen (1983), Robert William Ott (1984) e Michael Parsons (1992), os leitores de obras de arte percorrem níveis de desenvolvimento estético: descrição ou narração, análise ou construção, interpretação, julgamento ou classificação, recriação, revelação e autonomia na leitura. O desenvolvimento pelos níveis depende de aprendizagem e oportunidades educativas advindas da experiência. O adulto, depende de suas experiências culturais anteriores, pode apresentar os mesmos saberes que jovens estudantes. Importa ao arte-educador situar seu interlocutor para orientar sua atividade de leitura. (ARSLAN; IAVELBERG, 2006, p. 16).

No entanto, os exercícios de leitura de imagem que abordaremos a seguir, servem como proposta de estudo, onde o professor pode utilizar esses conhecimentos e escolher o método mais adequado a necessidade de seus alunos. Pois, o principal objetivo desses estudos oferecidos pelos teóricos do desenvolvimento estético é subsidiar as práticas educativas de leitura de imagem. Para que o professor aprenda a explorar o universo das artes visuais, e assim, desenvolver e ampliar a percepção estética das crianças e jovens. Promovendo o pensamento crítico e reflexivo.

2.1 ANÁLISE DE IMAGEM, A PARTIR DO MÉTODO DE ROBERT OTT (1984)

Segundo cita (ARSLAN; IAVELBERG, 2006, p. 16), uma das primeiras orientações para o trabalho com leituras de obras de arte divulgadas no Brasil foi a desenvolvida por Robert Ott, professor do Departamento de Arte-Educação da Penn State University, Pensilvânia (Rizzi, 2004). Para um público heterogêneo, Ott desenvolveu o sistema Image Watching, com cinco níveis de leitura de imagem: descrevendo, analisando, interpretando, fundamentando e revelando.

Para entendermos melhor o sistema de Ott, faremos uma análise da obra *Onde eu estaria feliz*, de Di Cavalcante, datada de 1965.



Figura 3
Di Cavalcanti. *Onde eu estaria feliz*. Óleo sobre tela, 1965.
Fonte: <http://www.dicavalcanti.art.br/dec60_70.htm>

Leitura da Obra *Onde eu estaria feliz* de Di Cavalcante

Descrevendo: partindo desse posicionamento, o aluno é solicitado a observar as características formais da imagem, ou seja, os aspectos materiais da obra. Para iniciar a leitura faremos algumas perguntas propostas pelo método de Ott (ARSLAN; IAVELBERG, 2006, pp. 17-18.):

- O que você está vendo nesta imagem?

- Como são as linhas que você está vendo na imagem?
- Como são: suaves, nítidas, ausentes retas, angulosas, curvas?
- Quais são as cores presentes na imagem?
- Como são: fortes, suaves, misturadas, chapadas?
- Existem jogos de claro e escuro?
- Quais cores se destacam mais na obra de Di Cavalcante?
- Você acha que as cores tem algum significado especial nessa obra?
- Como são as texturas? Lisas, ásperas macias?
- Que formas foram utilizadas pelo artista? Orgânicas, geométricas, difusas, definidas?

Analisando: neste método, incitaremos os alunos a analisar a composição da obra, as formas, a técnica e o tema. Assim, nos guiaremos pelas seguintes indagações para compreender o artista e a sua produção:

- Como o artista organizou as formas? No centro, nas extremidades, de maneira espontânea, agrupadas, distantes?
- Como os seus olhos se movimentam? De modo rápido, ritmado, profundo?
- Quais objetos você vê na imagem? Há destaque para algum?
- Qual a técnica utilizada?
- Qual o tema da pintura?

Interpretando: agora os alunos são convidados a expressar suas opiniões sobre o trabalho do artista:

- Como o artista empregou os elementos formais (composição, cor, técnica, forma etc.) para expressar suas idéias?
- Que impressões você retira dessa obra? Ela traduz alguma experiência?
- Invente um título para a imagem.

Fundamentando: após, descrever, analisar, interpretar a obra de Di Cavalcante, agora ampliaremos o modo de percepção e apreensão da obra. Colocando em evidência os conhecimentos históricos, culturais e sociais que traduzem o trabalho do artista. Assim, podemos partir das seguintes indagações:

- Qual a relação com o título dado pelo pintor?
- Como foi feita? Onde o pintor estava? Quais recursos ele utilizou?
- Você acha que ele utilizou mais observação, memória ou imaginação para produzir essa obra?
- Você vê influência de outro artista ou movimento na obra?

Revelando: agora para finalizar o exercício de leitura da obra, os alunos serão solicitados a colocar em prática as aprendizagens e experiências adquiridas ao analisar a obra.

- Com base na experiência que teve ao olhar essa obra, faça um trabalho artístico. Como você elaboraria um trabalho sobre o mesmo tema? Experimente! Crie uma representação com esse tema ou com o que mais lhe chamou atenção.

Por fim, o sistema proposto por Robert Ott, Image Watching (olhando imagens) tem por objetivo guiar as ações do professor nas atividades de leitura de imagem, mas o professor precisa selecionar os questionamentos de acordo com o grau de compreensão de seus alunos. Pois, “se utilizado de forma fixa e sem respeitar a ordem da leitura dos alunos, pode ser repetitivo e cansativo. Uma boa atividade de leitura deve ser construída com base na interação com os aprendizes” (ARSLAN; IAVELBERG, 2006, p. 19).

2.2 ANÁLISE DE IMAGEM, A PARTIR DO MÉTODO DE ABIGAIL HOUSEN (1983)

Em continuidade aos nossos estudos sobre teorias de apreciação estética, conheceremos o método de leitura de imagem proposto pela psicóloga estadunidense Abigail Housen. Para a análise e aprofundamento da leitura de imagem, nos basearemos nos cinco estágios de apreciação estética desenvolvidos por Housen, a partir de uma pesquisa com duzentas pessoas (ARSLAN; IAVELBERG, 2006).

A partir dos estágios de apreciação estética de Housen, citados no livro Ensino de Arte por (ARSLAN; IAVELBERG, pp. 21-22, 2006), faremos uma leitura da obra *Religião Brasileira*, de Tarsila do Amaral, datada de 1927:

Leitura da Obra *Religião Brasileira* de Tarsila do Amaral.

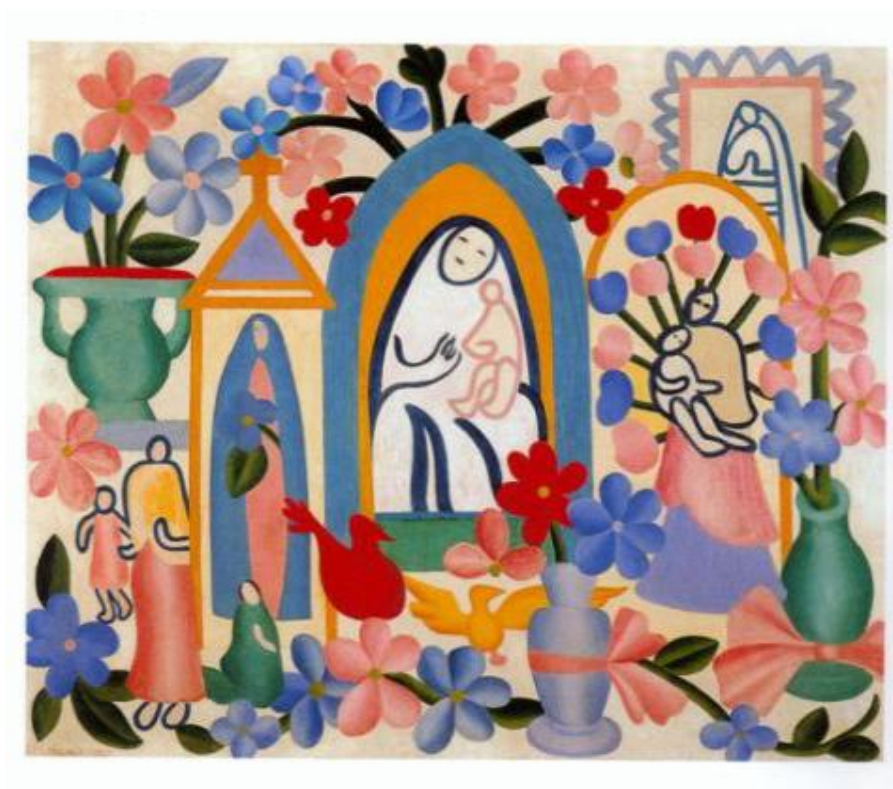


Figura 4

Tarsila do Amaral. *Religião Brasileira*. Óleo sobre tela, 1927.

Fonte: <http://www.tarsiladoamaral.com.br/versao_antiga/historia.htm>

Primeiro Estágio (descritivo, narrativo, enumerativo), neste estágio podemos nos guiar pelos seguintes questionamentos:

- O que é isto?
- O que mais lhe chama atenção nesta obra de Tarsila do Amaral?
- O que nos mostra esta imagem?
- O que está acontecendo?
- Qual narrativa pode ser contada, a partir da observação da obra?

Segundo Estágio (Construtivo), neste estágio o aluno será estimulado a descobrir como a artista construiu a obra:

- Como a obra foi feita? Comente: linhas, cor, textura, forma composição.
- Este trabalho é realista?
- Como o artista o construiu?

Terceiro Estágio (Classificatório), agora busca-se conhecer o contexto em a obra foi criada e os materiais utilizados:

- Quem é o artista e por que ele construiu esta obra de arte desta maneira?
- Em que data foi feita?
- Quais os materiais?
- Qual a época?
- Você nota a influência de alguma corrente artística no trabalho?

Quarto Estágio (interpretativo), neste estágio o aluno colocará em evidência suas sensações, ideias, imaginação, para uma análise interpretativa e perceptiva sobre a obra estudada. Assim, partiremos das seguintes perguntas:

- Como a artista utilizou os elementos formais para expressar o que sentia ou a ideia concebida?
- O trabalho traduz alguma experiência? Invente um título para ele.

Quinto Estágio (re-criativo) nesta fase o professor incitará o aluno ao fazer artístico. O aluno colocará em prática todo o seu conhecimento e criatividade criando seu próprio trabalho.

- Como você faria uma obra considerando o mesmo tema ou o que ficou de mais forte na obra para você?

Abigail Housen propõe com os estágios de apreciação estética um aprendizado dinâmico e construtivo, onde o aluno é convidado a observar, analisar e interpretar a imagem passando pelos níveis do desenvolvimento estético, associando o que se vê as suas lembranças pessoais.

As habilidades de leitura crescem cumulativamente, à medida que o leitor vai evoluindo através dos estágios. No início, toda a leitura é feita a partir de um ponto de vista egocêntrico e ingênuo, que leva em conta apenas o conhecimento pessoal do leitor. Posteriormente, o leitor usa um conhecimento, mas geral e, finalmente, interage com o conhecimento estético propriamente dito (PILLAR, p. 34, 2006).

Housen ao desenvolver esses estágios, contribuiu significativamente para o ensino da arte e conseqüentemente para o aprimoramento das habilidades artísticas dos apreciadores da arte.

Robert Willian Ott, quando criou o sistema de leitura de imagem, o *Image Watching*, tinha como objetivo suscitar o pensamento crítico dos apreciadores de obra de arte em museus e galerias. Chamando a atenção dos espectadores para os aspectos expressivos da obra, o qual estabelece a descrição, a análise, a interpretação, a fundamentação e a revelação, para a análise da imagem. Promovendo assim, a crítica, percepção, reflexão e conhecimento diante de uma obra de arte (OSINSKI, 2002).

Por fim, as teorias de apreciação estética de Robert Ott e Abigail Housen, podem servir de base para auxiliar o professor que deseja introduzir de forma mais afetiva, atividades de leitura de imagem na sala de aula. Percebe-se, que os questionamentos sugeridos pelos teóricos seguem estágios de desenvolvimento do aluno. Por isso, é importante levar em consideração os conhecimentos que os alunos já trazem de suas vivências cotidianas.

Como educadores de arte, é importante que conheçamos profundamente a estrutura do desenvolvimento estético, para permitir ao aluno a maior riqueza possível durante a apreciação estética que é um momento privilegiado de interpretação do simbolismo apresentativo (PILLAR, p. 35, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a maior parte de nossa aprendizagem se processa por meio da visão. As imagens povoam a nossa mente, os nossos pensamentos, alimentam os nossos sonhos, quer sejam reais ou imaginários. Porém, é importante que saibamos utilizar essa linguagem em prol de nossa aprendizagem, pois a imagem tem um grande poder de comunicação e precisamos aprender a fazer bom uso desse meio de expressão. Assim, a prática de leitura de imagem no ambiente escolar, especificamente nas aulas de Artes Visuais, nos capacitaria para ver, ler, interpretar e contextualizar imagens.

Na primeira parte do desenvolvimento deste trabalho, explanou-se a importância da educação do olhar no ensino da arte, procurando definir de maneira clara e objetiva o termo leitura de imagem e buscando compreender como podemos construir conhecimentos e aprendizagens ao observar e analisar uma imagem ou obra de arte. Na segunda parte do desenvolvimento, apresentou-se duas teorias de apreciação estética desenvolvidas pelos teóricos do desenvolvimento estético Robert Ott e Abigail Housen, como proposta de análise de imagens na sala de aula. O sistema de Ott e Abigail que foram abordados nesse trabalho servem como subsídio para as práticas pedagógicas do professor de artes que pretende trabalhar com imagens na sala de aula.

Alfabetizar em sentido amplo é ensinar a ler. Ler, no entanto, é compreender e entender o mundo que nos cerca. Ler um texto, uma imagem, uma música, uma representação teatral, corporal, também é alfabetizar. O ensino da Arte nos propicia a fruição dessas linguagens e nos integra ao nosso contexto, à nossa cultura.

Atualmente, a imagem é um símbolo da sociedade moderna, estão por toda parte e por isso precisamos exercitar o olhar, para que sejamos capazes de entender as diversas formas de representação artísticas que fazem uso da Arte Visual para comunicar; Como: a imagem da televisão, do cinema, internet, fotografia, pinturas, desenhos, gravuras, dentre outros. Entretanto, a educação do olhar é imprescindível para o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo.

O desenvolvimento desta pesquisa teórica, só confirma o que vem sendo defendido, por arte-educadoras, como: Ana Mae Barbosa e Analice Dutra Pillar em meio aos estudos realizados sobre a Importância da Leitura de Imagem no contexto

escolar, sendo que suas ideias foram fundamentais para a comprovação do presente estudo. Enfim, a realização desse trabalho serviu para ampliar aprendizagens, experiências e descobertas adquiridas ao longo desse processo de construção do conhecimento em Artes Visuais. Assim, espera-se que o presente estudo possa contribuir para que os professores de arte, reflitam sobre a importância da alfabetização visual por meio da leitura de imagem na sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARSLAN, Luciana Mourão; IAVELBERG, Rosa. Ensino de Arte. São Paulo, Ed. Thomson Learning, 2006.

ARAÚJO, Anna Rita Ferreira de. Encruzilhadas do Olhar no ensino das Artes. Porto Alegre. Ed. Mediação, 2007.

AMARAL, Tarsila. História das Obras. Disponível em: <http://www.tarsiladoamaral.com.br/versao_antiga/historia.htm>. Acessado em: 20 outubro 2011.

BARBOSA, Ana Mae. Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte. São Paulo: Editora Cortez, 4 ed., 2008.

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da Arte. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. 2. Arte: Ensino de quinta a oitava séries. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAVALCANTE, Edi. Cronologia. Disponível em: <http://www.dicavalcanti.art.br/dec60_70.htm>. Acessado em: 20 outubro 2011.

DUTRA, Lidiane. Os Estágios Do Desenvolvimento Estético Segundo Abigail Housen. Disponível em: <http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_4325/artigo_sobre_os_estagios_do_desenvolvimento_estetico_segundo_abigail_housen>. Acessado em: 16 novembro 2011.

KEHRWALD, Isabel Petry. Ler e escrever em Artes Visuais. 1998. Artigo disponível em: <<http://crv.educacao.mg.gov.br>>. Acessado em: 05 de novembro 2011.

OSINSKI, Dulce Regina Baggio. Arte, História e ensino: uma trajetória. São Paulo, Ed. Cortez, 2 ed., 2002.

PILLAR, Analice Dutra (Org.). A Educação do Olhar no ensino das artes. Porto Alegre: Editora Mediação, 4 ed., 2006.

RIZZI, Christina. Contemporaneidade (mas não onipotência) do Sistema de Leitura de Obra de Arte Image Watching. Disponível em: <http://www.artenaescola.org.br/pesquisa_artigos_texto.php?id_m=15>. Acessado em: 15 novembro 2011

SCHMIDT, Von Carlos. Artes:. Disponível em:
<<http://www.artesdoispontos.com/viu.php?tb=viu&id=10>>. Acessado em: 22 outubro 2011.